

sideração as consequências, para a escola e a sociedade, desta tendência subjacente? (*Curriculum Development Unit*, 1982, p 74).

O ponto essencial desses comentários sobre contexto e estrutura é que eles se concentram nos aspectos menos desenvolvidos, tanto na teoria prescritiva como reação a esta teoria. O modo prescritivo supõe, e tem suposto, que a contabilidade e o poder burocrático podem assegurar a execução, enquanto a reação admitiu que o crescimento, o otimismo e o aperfeiçoamento podem completar a tarefa. Nenhum dos dois estava correto. Ambos os modos abandonaram o campo intermediário: a prática e a estrutura existentes e continuadoras. Ambos os modos acreditavam na prática e na estrutura existentes e transcendentais. Ambos os modos eram requintadamente e, às vezes, explicitamente a-históricos.

Isto nos faz retroceder a um ponto estabelecido por Westbury: “Em todos os casos, o currículo pode ser considerado uma *ideia* que se torna realidade, uma entidade que possui forma institucional e forma técnica (MACKINLEY & WESTBURY, 1975, p. 6). Considerando estas formas, cada uma de per si, temos: a forma institucional indica que o currículo é intermediado por antecedentes estruturas de *status*, manuais e matérias, grupos e subgrupos profissionais, que concretamente residem no território do currículo; quanto à forma técnica, o currículo tem que ser traduzido de uma ideia para uma especificação técnica, uma matéria que possa ser lecionada e um manual que possibilite o exame. A realização de uma forma técnica de elevado *status* relacionar-se-á então com uma forma institucional, enquanto o *status* atribuído e os recursos distribuídos relacionar-se-ão com o profissional do currículo.

Resta-nos insistir em teorias que mantenham uma investigação sistemática sobre como se origina o currículo existente, como é reproduzido, como se transforma e responde a novas prescrições. Em síntese, uma teoria sobre como atuam, reagem e interagem as pessoas envolvidas na contínua produção e reprodução de currículo. Assim colocada, tal investigação parece uma tarefa difícil, porém há um trabalho importante já em andamento sobre o qual se pode construir. O enfoque inicial do futuro trabalho deve estar sobre os grupos e estruturas da área que correntemente operam e formulam currículo. Tais grupos e estruturas situam-se no campo que fica entre as teorias científico-rationais e o aspecto concreto e particular de Schwab – “este aluno, desta escola da zona sul de Columbus” neste campo intermediário que devemos agora concentrar nossa atenção<sup>1</sup>.

1. Uma versão anterior deste capítulo apareceu em *Curriculum Perspectives*, vol. 7, n. 2, outubro de 1987.

**U**m dos problemas constantes relacionados ao estudo do currículo é que se trata de um conceito multifacetado, construído, negociado e renegociado em vários níveis e campos. Este aspecto evasivo do currículo tem inegavelmente contribuído para o surgimento não só de perspectivas teóricas, que se estabelecem em forma de arco – seguindo uma linha psicológica, filosófica, sociológica –, mas também de perspectivas mais técnicas ou científicas. Entretanto, tais perspectivas têm recebido críticas constantes, porque violentam a essência prática do currículo, como é concebido e executado.

Neste capítulo mostrarei que precisamos avançar, com firmeza e análise, sejam elas filosóficas, psicológicas ou sociológicas; para longe dos modelos de administração técnicos, racionais ou científicos; para longe do “jogo de interesses”. Acima de tudo, precisamos abandonar o enfoque único posto sobre o currículo como prescrição. Isto significa que devemos adotar plenamente o conceito de *currículo como construção social*, primeiramente em nível da própria prescrição, mas depois também em nível de processo e prática.

### **Currículo como prescrição**

O primado da ideologia do currículo como prescrição (CAP) pode ser constatado através de um simples passar de olhos pela literatura curricular. Esta visão de currículo se desenvolve com base na ideia de que podemos definir desapaixonadamente os principais ingredientes do curso de estudos e, em seguida, continuar com o ensino dos diversos segmentos e sequências, numa variação sistemática. Apesar da óbvia simplicidade, para não dizer do realismo desta visão, o “jogo de interesses” ainda é, se não o único

